

RESSONÂNCIAS ENTRE A TEORIA ATOR-REDE E A MUSICOTERAPIA

Raquel Siqueira da Silva*

RESUMO

Este artigo aborda possibilidades de conexões entre a Teoria Ator-Rede (TAR) proposta, entre outros autores, pelo antropólogo Bruno Latour e a Musicoterapia. Estas conexões têm acrescido ferramentas para problematização e inserção no campo de pesquisa e atuação da Musicoterapia, repercutindo em produção acadêmica em andamento na área da Saúde Mental.

PALAVRAS-CHAVE

Teoria-Ator-Rede; Musicoterapia; Saúde Mental.

ABSTRACT

The present article approaches the possible connections between the actor-network theory that has been proposed, among other authors, by the anthropologist Bruno Latour and the Music Therapy. These connections are increasing the tools for the problematization and insertion into the Music Therapy's research of field and area of performance, reverberating in academic production and course on the area of mental health.

KEYWORDS

Actor Network Theory; Music Therapy; Mental Health.

Introdução

As práticas musicoterápicas há tempos reverberam pesquisas aliadas a abordagens teóricas diversas. Os pesquisadores utilizam-se de conhecimentos de várias áreas para agregarem suas composições teóricas e práticas. A Teoria Ator-Rede (TAR) assim como as teorias da Musicoterapia, não se pretendem acabadas, prontas. A TAR busca investigar fatos e fenômenos em construção, isto é, trata-se de investigar os modos pelos quais certos fatos são feitos em condições locais, aliando materiais bastante heterogêneos. Em última instância, está em jogo analisar o processo, mais do que o produto.

Na medida em que produções teórico-práticas caminham no *entre* da TAR e da Musicoterapia, entram novos atores, novos pesquisadores e tecnologias, novos *modos*

*Doutoranda e mestre em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Orientada pela Profa. Dra. Márcia Moraes. Musicoterapeuta (AMT-RJ 418/1), Psicóloga (CRP 05/18050), coordenadora do curso de graduação em Musicoterapia do Conservatório Brasileiro de Música-Centro Universitário (CBM-CEU). Contato: raqsiqueira2000@yahoo.com.br

operandi de práticas musicoterápicas. A TAR nos ensina a seguir os atores em ação, através de seus efeitos, seus rastros, suas materialidades. Neste sentido, aposta na construção dos fatos e fenômenos inaugurando um campo de pesquisas que consiste em seguir o processo de construção. Tal campo tem sido explorado em suas possíveis conexões com a musicoterapia por autores como: Marly Chagas (2008) e Raquel Silva (2007). Marcello Santos desenvolve atualmente pesquisa de doutorado no Programa EICOS da UFRJ e Grazielly Aquino está cursando mestrado na Universidade Federal Fluminense na área de Psicologia- Estudos da Subjetividade. Estes pesquisadores musicoterapeutas agregam novos interesses e estratégias que configuram reflexões *entre* a TAR e a Musicoterapia.

Pensem na Música

Consideramos a Música como um dispositivo terapêutico cujo domínio faz parte do campo de atuação musicoterápica. A música se insere na rede como expressão que conecta som, escrita, afetos, leituras, vibração e algo incognoscível. Poderíamos antecipar que a música possui linhas de inteligibilidade que grafia nenhuma poderia alcançar. A materialidade da música se insere nos efeitos que ela produz. E estas derivas são ferramentas importantes no campo musicoterápico. Não há receita, não há previsibilidade. A música acontece. A heterogeneidade das práticas musicoterápicas podem encontrar no conceito de rede, como produção múltipla, heterogênea e acentrada certa ressonância com a materialidade fundamental da Musicoterapia: a música. Conforme Moraes (1998^a, p. 49), a noção de rede

não remete a nenhuma entidade fixa, mas a fluxos, circulações, alianças, movimentos. A noção de rede de atores não é redutível a um ator sozinho nem a uma rede. Ela é composta de séries heterogêneas de elementos, animados e inanimados conectados, agenciados. Por um lado, a rede de atores deve ser diferenciada dos tradicionais atores da sociologia, uma categoria que exclui qualquer componente não-humano. Por outro lado, a rede também não pode ser confundida com um tipo de vínculo que liga de modo previsível elementos estáveis e perfeitamente definidos, porque as entidades das quais ela é composta, sejam elas naturais, sejam sociais, podem a qualquer momento redefinir sua identidade e suas mútuas relações, trazendo novos elementos para a rede. Neste sentido, uma rede de atores é simultaneamente um ator cuja atividade consiste em fazer alianças com novos elementos, e uma rede que é capaz de redefinir e transformar seus componentes.

Há muitas semelhanças entre o conceito de rede proposto por Bruno Latour (2008) e o conceito de rizoma de Deleuze e Guattari (2004)¹. A diferença mais visível encontra-se no modo de inclusão de não-humanos na rede latouriana; humanos e não-humanos tem importância simétrica na rede. Não podemos defini-la *a priori*.

É preciso que a antropologia absorva aquilo que Michel Callon chama de princípio de simetria generalizada: o antropólogo deve estar situado no ponto médio, de onde pode acompanhar, ao mesmo tempo, a atribuição de propriedades não-humanas e de propriedades humanas (LATOURE, 1994, p. 95).

Latour argumenta nos campos da Antropologia e da Sociologia, neste sentido, os não-humanos assumem uma enorme importância porque tiram o homem do centro da ação; da primazia da ação. Para Latour, a Sociologia e a Antropologia estudam não a relação entre os homens, mas entre homens e coisas. “As redes são tal como as descrevemos, e atravessam a fronteira entre os grandes feudos da crítica- não são nem objetivas, nem sociais, nem efeitos de discurso, sendo ao mesmo tempo reais, e coletivas, e discursivas” (LATOURE, 1994, p. 12).

Por mais que nos esforcemos para capturá-la, a música se espalha em ondas, que é sua condição vibracional. Fenômeno físico que engendra várias conexões, algumas visíveis, outras nem tanto. Estamos diante de uma produção em rede. Conectando novos *actantes*². E estes seriam, neste novo momento da Musicoterapia, os agenciadores de linhas de fuga.

As materialidades dos efeitos da TAR e da obra de Bruno Latour na Musicoterapia se presentificam em alguns trabalhos acadêmicos. O processo de hibridação já foi apontado por Chagas (2008), e a Musicoterapia pode-se reconhecer em movimento. Ciência não acabada, em construção. Não por se considerar novo campo de conhecimento, mas pela sua condição de rede, conectando-se e ao mesmo tempo ampliando-se em várias direções. Se não buscamos as dicotomias dos erros e acertos e nos consideramos errantes por excelência, conectamos nosso nomadismo como potencialidade. As ressonâncias entre TAR e Musicoterapia operam traduções não

¹ Latour em entrevista a Crawford afirma que “Rizoma é a palavra perfeita para rede. Teoria-Ator Rede poderia ser chamada ontologia actante/rizoma, como Mike Lynch disse, porque isto é uma ontologia, é sobre actantes, e Rizomas” (CRAWFORD, 1993, p. 258- tradução minha).

² Moraes (1998b, p. 51) sublinha que numa entrevista concedida em 1993, Latour prefere utilizar a palavra *actantes* no lugar de atores para despir tal noção de seu cunho personalístico, subjetivista. Actantes são coisas, pessoas, instituições que têm agência, isto é, produzem efeitos no mundo e sobre ele.

previsíveis que estão em construção. Os possíveis fabricantes de fatos no campo acadêmico têm mais este dispositivo teórico-metodológico para construir suas pesquisas e ousar no campo das hibridações. “O pesquisador é, antes de tudo, um fabricante de fatos: mobiliza partes da realidade para transportá-la, combiná-la e recombiná-la nos centros onde se acumulam as informações” (MELO, 2006, p. 84). Parafraseando Latour (1994), diríamos que as ciências nunca foram modernas, jamais foram puras. Portanto cabe operar em Musicoterapia com múltiplos, heterogêneos, nômades modos de produção de conhecimento. Sua condição errante permite criar territórios teóricos, existenciais, estéticos, políticos e éticos compatíveis com estas expressões.

O autor [Latour] afirma uma mudança de paradigma na direção da prática científica e do mundo da pesquisa porque nestes últimos campos percebemos a incerteza, o risco, as ligações numerosas com o político, a sociedade, enfim as conexões heterogêneas, múltiplas que caracterizam a prática dos cientistas e que ficam fora de cena quando as ciências feitas são o cerne das investigações. É no campo múltiplo das práticas científicas que, segundo Latour, serão construídas a Natureza e a Sociedade (MORAES, 1998a, p. 46).

Na condição de terapeutas lidamos com os humanos e ao metodologicamente agregarmos os não-humanos como operantes, não estamos inventando algo novo. A Musicoterapia já foi criada com a perspectiva de utilização de sons, palavras, corpo, movimento e intervenções musicais, sonoras, corporais e verbais. Há disciplinas de sensibilização em todos os cursos de formação de musicoterapeutas do Brasil e isto é uma materialidade visível. Concebemos uma profissão que agrega várias conexões com não-humanos.

A música, considerada uma linguagem ou não, é uma compilação de códigos, signos e materialidades que necessitam de tradução. Ter este conhecimento em meio a outros profissionais coloca o musicoterapeuta como agenciador de um saber que pode gerar conexões importantes dentro de uma equipe profissional. Como exemplo, temos o grupo Musical Harmonia Enlouquece do Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro. Um projeto que começou numa oficina de Musicoterapia e que através dela, esta unidade de saúde do Estado conseguiu uma repercussão com várias conquistas que não se restringiram aos profissionais diretamente envolvidos.

Pensamos que os musicoterapeutas devem se sentir fortalecidos com a perspectiva de que seus trabalhos e pesquisas engendram várias redes, conectam vários interesses e suas estratégias devem prover estas ampliações. Não só para divulgar uma

profissão, mas por acreditá-la capaz de confortavelmente ocupar um lugar de incerteza.

Muitos se afligem por não conseguirem definir a Musicoterapia como se apenas uma definição fosse conter a heterogeneidade, multiplicidade e condição nômade que a musicoterapia nos traz. Já temos boas definições no livro de Bruscia (2000). Não estamos aqui defendendo a possibilidade de não conceituarmos a Musicoterapia, mas de admitir e aprender a caminhar no campo das incertezas, o qual parece responder às práticas não-modernas com mais fidedignidade. Não há certezas, por que as buscamos? Por que não fluir nas possibilidades e probabilidades que as ações, as teorias, os trabalhos, as pesquisas nos colocam?

Aprender a lidar com as incertezas, na era das incertezas, parece-nos uma ferramenta assertiva para caminhar nas areias movediças das produções de conhecimentos contemporâneos. As redes são móveis e as produções locais não param de engendrar novas conexões. Para pesquisarmos, precisamos fazer um corte na rede, uma delimitação. Caso contrário, uma tese não teria fim, porque a rede não pára de agenciar cadeias semióticas. Mas, para atuarmos no campo terapêutico, é necessário disponibilizar aos pacientes/clientes o corpo, os movimentos, o conhecimento musical e as palavras. A eles dedicamos nosso trabalho terapêutico. Os pontos rígidos, as pequenas certezas locais e transitórias fazem parte das produções das redes, mas não esqueçamos de que vários *actantes* (atores) estão se conectando a cada nova incursão, a cada nova intervenção e a cada nova resposta do cliente. Funcionamos muito mais em rede do que percebemos. As articulações da rede em que atuamos geram outras redes de produção de conhecimentos, acadêmicos ou não. Escrever trabalhos científicos é somente parte desta produção de conhecimento e atuação.

Se discordamos em nossas produções profissionais e acadêmicas, ótimo, temos boas oportunidades de dialogarmos. Se concordamos, fazemos consonâncias. A harmonia contemporânea acolhe as dissonâncias de modo agregador. Façamos este exercício nas redes engendradas na Musicoterapia, e no mundo da pesquisa.

O pensamento de Latour (1994) nos convoca a conceber a produção científica como um campo não-purista. Não há ciência pura, alijada dos interesses, isenta de articulações com os poderes instituídos, neutra. Esta produção é misturada, mestiça como o filósofo Michel Serres (1993) nos diria e serve a interesses, às vezes, os mais díspares. Quanto mais interesses e conexões forem agregados a pesquisa, mais ela se

fortalece para construir versões de realidade. Para nossas reflexões, na citação abaixo, sugerimos substituir a palavra Psicologia por Musicoterapia. Moraes (1998a, p. 51) nos acrescenta que

um nomadismo na ciência permite redefinir o estatuto do erro como campo de estudos da psicologia. Numa ontologia híbrida o erro não é visto como algo a ser corrigido ou como uma imagem revertida do verdadeiro. O erro, neste caso, está articulado a uma hibridação ontológica, a uma errância que faz derivarem as formas do pensamento. Ao definir a ciência como uma prática híbrida, a teoria de rede de atores lança luz sobre a possibilidade de uma psicologia nômade, uma psicologia híbrida. E, conseqüentemente, uma psicologia cujas alianças não são mais aquelas da filosofia cartesiana, da ciência e do bom senso, mas sim aquela que torna positivo esse domínio híbrido.

Refletindo sobre a Musicoterapia e considerando as contribuições de Chagas (2008), percebemos que a Musicoterapia se constitui em profissão híbrida. E por que sua produção acadêmica poderia ser diferente disto? As ressonâncias entre a TAR e a Musicoterapia podem ser relevantes e diante desta produção os pesquisadores encontram uma fonte de conexão entre estas duas instâncias de saber. Um encontro espinosista; um bom encontro. Uma paixão alegre que nos permite polir as lentes (DELEUZE, 2002, p. 20), mas não as práticas, para que os pesquisadores possam sintonizar novas ondas de problematizações acerca das práticas musicoterápicas.

Múltiplas Traduções (Translações)

Quando o musicoterapeuta pesquisador ressoa com a TAR, ele produz traduções e quando ao contrário, elas também se fazem presentes. As traduções fazem parte da produção de conhecimento.

Ao invés de opor palavras ao mundo, os estudos científicos graças a sua ênfase na prática multiplicaram os termos intermediários que insistem nas transformações, tão típicas das ciências, como “inscrição” ou “articulação”, “translação”³ é um termo que entrecruza o acordo modernista. Em suas conotações lingüística e material, refere-se a todos os deslocamentos por entre outros atores cuja mediação é indispensável a ocorrência de qualquer ação. Em lugar de uma rígida oposição entre contexto e conteúdo as cadeias de translação referem-se ao trabalho graças ao qual os atores modificam, deslocam e transladam seus vários e contraditórios interesses. (LATOURE, 2001, p. 356).

Ocorrem a produção de novas relações, novos encontros, novas conexões. Tradução não é uma ação representacional. Tradução é traição (LAW, 1997, p.2). Não

³ Os termos tradução e translação são utilizados com o mesmo sentido (LATOURE, 2001).

podemos simplesmente transportar conhecimento de um campo para outro sem que haja misturas, sem que as redes se modifiquem. É um ajuste, um acordo, uma negociação. Os princípios da TAR não são aplicáveis, como um método imutável a ser seguido. A composição das redes não tem previsibilidade. Elas se formam conforme as conexões que são engendradas. Assim como não conseguimos definir previamente se uma produção acadêmica será científica ou não. Há que se supor que as ressonâncias são possíveis e este é um desafio. Alguns pesquisadores musicoterapeutas trazem a TAR para o campo da Musicoterapia em conexões viáveis e processuais. “Redes são processos ou realizações mais do que relações ou estruturas que são dadas pela ordem das coisas” (LAW, 1997, p. 06). As similaridades e diferenças destes dois campos trazem uma outra área de produção que não é restrita ao musicoterápico nem restrita a TAR.

Tradução gera efeitos de ordenamento tais como dispositivos, agentes, instituições ou organizações. Assim “tradução” é um verbo que implica transformação e a possibilidade de equivalência, a possibilidade que uma coisa (por exemplo, um ator) possa representar outra (por exemplo, uma rede)[...]. A teoria ator-rede quase sempre aborda suas tarefas empiricamente[...]Portanto, a conclusão empírica é que traduções são contingentes, locais e variáveis. [...] A tradução é mais efetiva se ela antecipa as respostas e reações dos materiais a serem traduzidos (LAW, 2009, p.06).

Criam-se novos acordos, novas negociações e novas traduções.

A TAR e a Musicoterapia: pesquisa em andamento

Em pesquisa de doutorado intitulada ‘O Movimento dos grupos musicais em Saúde Mental’⁴, nós utilizamos os pressupostos da TAR para embasar as reflexões e os procedimentos acadêmicos. Visamos analisar as controvérsias da proliferação de grupos musicais no campo da saúde mental na cidade do Rio de Janeiro.

Desde 1996, com o surgimento do grupo musical Cancioneiros do IPUB do Instituto de Psiquiatria da UFRJ que alguns musicoterapeutas vem desenvolvendo trabalhos musicais com usuários de serviços de saúde mental, alcançando repercussão nas mídias, mobilizando poderes instituídos e agregando interesses que antes a musicoterapia não agenciava. Um dos grupos, o Harmonia Enlouquece do Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro, teve duas músicas na trilha sonora da novela Caminho

⁴Pesquisa em andamento na Universidade Federal Fluminense. Departamento de Psicologia-Estudos da Subjetividade. Início em agosto de 2008.

das Índias⁵. Este trabalho desenvolvido pelo musicoterapeuta Sidney Dantas encontrou ressonâncias institucionais e ampliou sua visibilidade e geração de renda, trouxe modificações para a vida dos componentes do grupo e também repercute em reflexões musicoterápicas que ora são pesquisadas. Quais os efeitos destas práticas que agregam tantas mudanças, estratégias, poderes instituídos, visibilidade e geração de renda em Musicoterapia? Seriam práticas musicoterápicas? E por que não considerá-las?

A rede destes trabalhos inicialmente musicoterápicos atualmente agrega grupos que não são formados a partir da Musicoterapia. Há os que já se formam com o objetivo de visibilidade. Não sabemos a priori o que encontraremos ao iniciarmos a pesquisa de campo em agosto de 2009. Esta rede conectou tantos atores (actantes) que repercutimos uma incerteza constitutiva da pesquisa: quais os efeitos deste movimento para os usuários de serviços de saúde mental? O que esta visibilidade gera nos componentes? E os profissionais como vêem estas práticas?

A pesquisa em andamento não se pretende neutra. Em observação participante estaremos presentes em ensaios e apresentações de dois grupos musicais para analisar as conexões, como elas acontecem no campo. E analisar as controvérsias destas redes.

A questão da proliferação dos grupos se conecta com a problematização da Reforma Psiquiátrica. Esta se constitui em práticas defendidas pela Luta Antimanicomial. A Reforma começou como movimento no final da década de 70 e atualmente recebe apoio e críticas. Ela visa acabar com os manicômios e criar serviços substitutivos, tais como Centros de Atenção Psicossocial, Serviços de Residências Terapêuticas, Projetos de Geração de Renda etc. Este modelo assistencial tem recebido críticas que se referem ao não cumprimento total de rede de serviços que substituam o manicômio. Por isto não correspondendo ao que se propunha inicialmente. Há ainda os que defendam a volta dos hospícios alegando segurança dos portadores de transtornos psíquicos. Há um grande debate nacional também incentivado pela abordagem televisiva do tema. Por que manter trancado alguém que pode conviver em sociedade?

Ressonâncias

As práticas musicoterápicas em saúde mental agregam desde 1996 os grupos

⁵ Novela de Glória Perez, exibida pela TV Globo no horário de 21h.

musicais e o que fazer diante disto? Não se trata da composição de um *setting* clínico tradicional em Musicoterapia. A questão da estética musical, antes vista com parcimônia, atualmente é condição para a visibilidade em apresentações musicais destes grupos. Há que se pensar que algo de diferente está acontecendo em nossas práticas em saúde mental. Estas práticas encontram ressonâncias e agenciam trabalhos acadêmicos, não para aprisionar, limitar, enquadrá-las. Mas para cartografar, acompanhar os movimentos, observar os efeitos.

Já cartografamos a experiência musicoterápica de um desses grupos em dissertação (SILVA, 2007)⁶ e atualmente estamos conectando outros atores e percebendo que esta rede foi ampliada. Assim, com as traduções que esta pesquisa nos trouxe, pretendemos analisar as controvérsias que fazem parte destas redes com a ferramenta metodológica que a TAR oferece. As ressonâncias entre a TAR e a Musicoterapia estão presentes nesta pesquisa em andamento e nos fortalece para caminhar nos campos da incerteza e imprevisibilidade.

REFERÊNCIAS

BRUSCIA, K. E. **Definindo Musicoterapia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 309 p., 2000.

CHAGAS, M. & P. R. **Musicoterapia: desafios entre a Modernidade e a Contemporaneidade**. 1ª.ed. Rio de Janeiro: Mauad X: Bapera, 78p, 2008.

CRAWFORD, T. H. **An Interview with Bruno Latour**. Configurations, Virgínia, vol.1, number 2, pp. 247-268, spring 1993.

DELEUZE, G. **Espinosa: filosofia prática**. 1ª ed. São Paulo: Escuta, 135p., 2002.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. I, 3 ed., São Paulo: Ed.34, 2004.

⁶ Produção acadêmica disponível em: www.slab.uff.br.

LATOUR, B. **Reensamblar lo social: una introducción a la teoría del actor-red.** 1ª ed. Buenos Aires: Manantial, 392p., 2008.

LATOUR, B. **A Esperança de Pandora.** São Paulo: EDUSC, 372p., 2001.

LATOUR, B. **Jamais Fomos Modernos.** Rio de Janeiro: Editora 34, 152p., 1994.

LAW, J. **Notas sobre a teoria do ator-rede:** ordenamento, estratégia e heterogeneidade. Fernando Manso (trad.). Documento eletrônico disponível em <http://www.necso.ufrj.br/> Acesso em 14 junho de 2009.

LAW, J. **Tradução/Traição:** notas sobre a Teoria Ator-Rede. [S.l.: s.n.], 1997. Disponível em: [http://www.lanacs.ac.uk/fss/sociology/papers/law-traduction - trahison.pdf](http://www.lanacs.ac.uk/fss/sociology/papers/law-traduction-trahison.pdf)

MELO, M. F. A. Q. **Voando com a pipa:** esboço para uma psicologia social do brinquedo à luz da idéias de Bruno Latour. Tese em Psicologia Social-Departamento de Psicologia Social e Institucional-Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São João Del Rey, 2006.

MORAES, M. O. **A psicologia, uma ciência?** Revista Paradoxa, Rio de Janeiro, v. IV, n. 9, p. 55-64, 2001.

_____. **Por uma Psicologia em Ação.** 182 p., 1998. Tese de doutorado-Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica/São Paulo, 1998a.

_____. Por uma Estética da Cognição: a propósito da cognição em Latour e Stengers. **Informare**, 4 (1), 49-56, 1998b.

SERRES, M. **Filosofia Mestiça.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 190p., 1993.

SILVA, R. S. **Cartografias de uma experimentação musical:** entre a musicoterapia e o grupo Mágicos do Som. 127p. 2008. Dissertação em Psicologia- Estudos da Subjetividade-Instituto de Ciências Humanas e Filosofia- Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.